

Ninguém quer a municipalização do

O governo quer passar os museus da Cerâmica e de José Malhoa para a Câmara das Caldas. A ideia já não é nova, dado que foram iniciadas entre o anterior governo PS e o município. Mas agora é o executivo liderado por Passos Coelho a insistir na passagem para a autarquia daqueles dois espaços museológicos. Mas se há alguma aceitação em relação à passagem do Museu de Cerâmica para a autarquia, o caso muda de figura quanto ao Museu Malhoa pois há uma grande unanimidade entre especialistas e entidades caldense que dizem que este não deve sair da esfera da administração central.

A maioria das pessoas que ouvimos considera que já foi um erro a passagem dos museus caldense para a Direcção Regional de Cultura do Centro (DRCC), temendo, sobretudo no caso do Museu Malhoa, que a sua municipalização seja uma segunda despromoção. Já quanto ao Museu do Hospital e da Cidade, é pacífico que este deve continuar ligado à instituição do qual nasceu e às Caldas.



Ao contrário do Museu da Cerâmica, todos consideram que o Museu de José Malhoa tem uma dignidade e importância conducente com a de museu de âmbito nacional e não municipal

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

A vereadora da Cultura, Maria da Conceição Pereira, diz que estão a decorrer conversações entre a Secretaria de Estado da Cultura e a autarquia sobre a eventual transferência dos dois museus para a Câmara. “Há conversações, há uma proposta e já há uma contra-proposta”, disse a autarca, sem querer aprofundar muito mais o estado do processo.

“Ainda não há nada de concreto”, acrescentou a vereadora, que sabe que há sectores e especialistas da museologia que não estão de acordo com a municipalização, sobretudo no que diz respeito ao Museu de José Malhoa. “Estamos a equacionar e não têm existido pressões por parte do poder central para a tomada de decisão”. Como vereadora, vê vantagens na municipalização dos museus sobretudo do Museu de Cerâmica, devido à forte ligação da localidade com a cerâmica e também “pela qualidade do seu espólio, que merece um espaço mais digno”. A autarca está preocupada com este museu do qual diz que precisa “de uma alteração profunda” já que o palacete não alberga as coleções que é necessário acolher.

Nestas conversações, a autarca gostaria de encontrar uma solução pois “é preciso também garantir que há condições para esse alargamento”. Maria da Conceição Pereira acha que os dois museus – Cerâmica e Malhoa – podem ter decisões diferentes.

Maria da Conceição Pereira recordou que as Caldas “está a passar pela transferência de um património muito mais vasto e é preciso ter esse aspecto em conta”. Importante, na sua opinião, é criar uma verdadeira rede local de museus, uma ideia que surgiu em 2003 e esta que até foi criada mas, na verdade, não tem tido grande visibilidade pública.

Para a autarca, a cidade “é um caso sui generis pois tem um elevado número de museus de qualidade” e a municipalização poderia ser uma vantagem pois poderia haver um bilhete único e a constituição de circuitos entre os vários museus.

A vereadora da Cultura recordou que a tentativa de passar os museus caldense para o município não é nova nem exclusiva do governo PSD pois já tinha sido tentada pelo PS. “Não temos sido pressionados e estamos a tentar encontrar a melhor solução. Estamos aqui para defender os interesses das Caldas da Rainha”, disse a deputada do partido do governo.

De acordo com o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, em declarações aos jornalistas, feitas à margem da apresentação do Folio, em Lisboa, a 7 de Julho, o processo de passagem dos museus agora tutelados pela administração central para a autarquia será finalizado muito em breve. O governante remeteu ainda para esta semana respostas sobre quais os museus em que haverá mudanças, se apenas o da Cerâmica ou também o de José Malhoa.

Jorge Barreto Xavier, disse que “há

uma proposta de parte a parte [governo e Câmara] e ela está neste momento em fase final de negociação”. E acrescentou que “muito brevemente, dentro de uma semana ou duas já poderei responder de forma mais concreta”.

Os postos de trabalho dos funcionários estão garantidos. “Continuam como funcionários públicos, trabalhando numa lógica de descentralização com a autarquia”, explicou o governante.

MAIORIA É CONTRA A MUNICIPALIZAÇÃO

A Liga dos Amigos do Museu José Malhoa não concorda com a municipalização dos dois museus e considera ainda que a passagem de ambos para a DRCC foi uma “desclassificação” pois fez com que os museus passassem do âmbito nacional para o regional.

Segundo a presidente do grupo, Margarida Taveira, ambos devem integrar a rede nacional de museus pois as suas coleções “são de âmbito nacional”. A responsável sublinhou que o Museu Malhoa contém a maior concentração de obras desta grande figura da pintura da sua época, ao passo que o da Cerâmica “alberga coleções que em muito transcendem o nível da cerâmica local e está igualmente instalado num emblemático espaço a preservar”.

Margarida Taveira destacou também a necessidade de ampliar este último, afirmando que a cidade “deve lutar por tal ampliação

junto da tutela, com vista à criação de um grande Museu Nacional da Cerâmica, na terra que tantas tradições possui nessa área”.

Para a Liga dos Amigos os dois museus não devem ser municipalizados para não ficarem sujeitos ao mesmo tipo de gestão que possuem os museus municipais “que lutam com escassez de meios materiais e humanos”, rematou.

“UMA DESPROMOÇÃO”

Para Mário Tavares, presidente do Grupo de Amigos do Museu de Cerâmica (GAMC), a eventual municipalização “seria sempre uma despromoção”. Referiu que seria portanto uma nova despromoção já que este último já foi despromovido “tendo passado a regional... Se passar a ser municipal...é uma outra categoria”, disse.

No entanto, “dado o actual estado de coisas”, (referindo-se a um grande desinvestimento por parte da tutela) não sabe se o mesmo, se fosse municipalizado, “não iria até a funcionar melhor”.

Em relação ao Museu de José Malhoa, Mário Tavares acha que este “tem que ter o lugar que merece como museu nacional” e que seria “inadmissível” passar para a autarquia. “Na verdade não se sabe o que vem por aí, mas a passagem para a Câmara seria um absurdo”, rematou.

O Conselho da Cidade também não concorda com a passagem dos museus para a Câmara e defende que ambos devem ficar na dependência directa da actual Direcção-Geral do Património Cultural.

A mudança dos dois museus para a DRCC foi feita sob pretexto do acesso a candidaturas de fundos comunitários, “as quais, até ao momento, não se vislumbram”, disse a presidente da entidade, Maria Júlia Carvalho.

Esta responsável disse que o Museu da Cerâmica deveria ser ampliado a fim de ser “o polo de um grande Centro Museológico Nacional” com o envolvimento da Direcção Geral do Património Cultural, Cencal, ESAD e núcleo museológico Bordalo Pinheiro. Uma forma, disse, de juntar a tradição com a inovação, a criatividade e a produção. Para a sua gestão deveria ser criada uma entidade coordenadora.

Em relação ao Museu do Hospital, a pretensão do Estado querer mantê-lo “revele-se incoerente” pois pretende transferir tudo o resto para o município.

“INFELIZ E DESCABIDA”

Para Isabel Xavier, presidente do PH, a municipalização parece “ser um desígnio do actual governo”, num processo que vai para além dos museus pois engloba também as escolas, por exemplo. A responsável considera “infeliz e descabida a municipalização do Museu Malhoa, cuja história referencia a dimensão nacional”. No entanto, a municipalização poderá ser equacionada quanto ao Museu da Cerâmica, “se for delineada numa estratégia cultural da cidade, numa perspectiva abrangente, em rede, e convocando dinâmicas como as que a ESAD cria, a comunidade anseia e a cidade não pode continuar a desperdiçar”.

Para o PH, esta deve incluir os museus municipais actuais, “cuja gestão e aproveitamento, mesmo contando com a boa vontade de quem lá trabalha, tem estado aquém do desejável”.

Já relativamente ao Museu do Hospital e das Caldas, não fará sentido separá-lo do Hospital Termal “com o qual perfaz um conjunto historicamente natural. Ele é o verdadeiro Centro Interpretativo das Caldas da Rainha”, disse a presidente do PH.

EX-DIRECTORAS QUEREM MUSEUS NO ESTADO

Para Cristina Horta, ex-directora do Museu de Cerâmica, as transferências feitas há dois anos dos museus caldense para a Direcção Regional da Cultura do Centro “foram executadas sem preparação nem consulta, resultaram numa despromoção e abandono desses museus, marginalizando-os, separando-os dos intitulados Museus Nacionais e rompendo com uma gestão nos cânones das boas práticas museológicas”.

A actual intenção da passagem desses museus para o município afasta a desejada reintegração na Direcção Geral do Património Cultural e afeta, nas Caldas, o Museu de José Malhoa, “instituição renovada, consolidada e reconhecida” e o da Cerâmica que ainda foi mais afectado dado que se interrompeu “o tão desejado e fundamental projecto de ampliação que o tornaria a atracção principal da Cidade e, talvez a única, com as termas, capaz de colocar Caldas, de novo, nos roteiros turísticos”.

A ex-directora não concorda com a passagem para a Câmara no caso do Museu Malhoa, porque este possui um carácter supra regional. O de Cerâmica possui colecções internacionais e, como tal, preferia que ficassem na dependência do poder central.

A investigadora salientou que autarquia caldense já tutela quatro museus e “não apresenta condições para receber e assegurar a gestão de museus com temáticas e exigências como as do Museu de José Malhoa e da Cerâmica”.

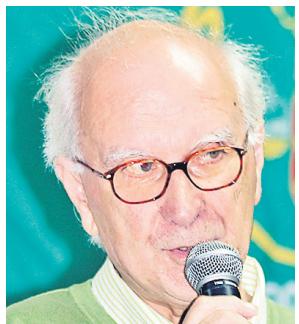
Cristina Horta considera que este último vive com “extremas dificuldades logísticas”. Por isso seria necessário recorrer “a profissionais ou a um organismo com conhecimentos e experiência capazes de articular os museus numa rede local que funcionasse com agilidade e conhecimento, uma solução quase impraticável na actual fase de contenção do país”.

Para Matilde Couto, ex-directora dos museus Malhoa, Cerâmica e Nazaré, estes deveriam ficar na esfera nacional e recorda que ao longo das suas histórias, “a cidade e as direcções dos mesmos formularam superiormente propostas de designação de Museu Nacional, dada a relevância e o valor de referência do património que detêm”.

Também não concorda com a passagem para a DRCC pois os Museus do Oeste foram agregados à Região Centro, “cujos territórios e respectivas identidades não são coincidentes”. Na sua opinião, os museus caldense deveriam regressar à tutela da Direcção-Geral do Património Cultural.

Matilde Couto considera que uma Rede Local de Museus (protocolada em 2003, entre o Museu José Malhoa, o da Cerâmica, o do Hospital e o Centro de Artes e aberta a outros) “mostra-se vantajosa e de toda a oportunidade”. Não seria necessário terem todos a mesma tutela e em coordenação poderiam criar sinergias, projectos comuns, articulação de actividades e de horários, a rentabilização de meios e a criação de ingresso únicos. Sobre o Museu do Hospital e das Caldas, este “deverá sempre integrar e acompanhar a sua instituição de referência e que enforma a sua origem - o Hospital Termal - cuja história documenta e cujo património conserva”.

Museu de José Malhoa



"A passagem do Museu Malhoa para a Câmara seria um absurdo"

"PURA ESTRATÉGIA DE CONTENÇÃO DE CUSTOS"

Para o investigador João Serra, a passagem de uma tutela pública central para uma tutela pública municipal **"pode constituir uma situação considerada por uns vantajosa e por outros desvantajosa, mas não representa por si só uma alteração nem do paradigma de autonomia nem do modelo de gestão dos museus"**. O ex-presidente da Guimarães Capital Europeia da Cultura, salientou que as autarquias, na sua maioria, **"não dispõem de uma organização administrativa apta a dar conta da especificidade do sector cultural e do património (são muito poucas aquelas em que esse departamento está consagrado), nem previram um quadro regulamentar onde esteja contemplada a forma de funcionamento de um sector museológico"**.

João Serra diz que o Estado central **"tem recuado em todos os planos da actividade cultural"** e **"não é crível que essa tendência sofra uma inversão significativa num horizonte próximo"**. Deste modo, a entrega às autarquias não resulta de uma nova visão do território e do desenvolvimento, nem de uma procura de novas racionalidades económicas ou de gestão, **"mas de uma pura estratégia de contenção de custos"**.

Sendo esse trajecto **"praticamente imparável"**, considera que se deveria fazer nas Caldas o que está a ser desenvolvido pelo Monte da Lua, em Sintra, experiência que o historiador tem acompanhado e que agora se estende ao Centro Cultural de Belém e à área monumental de Belém.

O investigador prefere que se encontre uma modalidade de gestão em que parceiros públicos (a Câmara, a Secretaria de Estado da Cultura, a ESAD), privados (empresas como a Bordalo Pinheiro e unidades hoteleiras), associações (como o PH e os Grupos de Amigos dos Museus) **"se conjuguem para criar uma entidade gestora dos Museus e do Parque, dotada de autonomia de funcionamento e de financiamento"**.

Sobre o Museu do Hospital,



"Transferências para a DRCC resultaram numa despromoção e abandono dos museus"

João Serra acha que tendo o Ministério da Saúde alienado a posse do Hospital Termal e das suas dependências, **"não faz sentido algum continuar responsável pela gestão de uma entidade museológica cuja coleção e programa respeita exclusivamente ao Hospital Termal e sua História"**. Da mesma forma, o docente da ESAD acha **"urgente"** a entrega, à cidade, da propriedade, da segurança e da manutenção da instalação de Ferreira da Silva, situada junto do mesmo museu. Na sua opinião, este é **"o monumento artístico contemporâneo mais importante das Caldas da Rainha"**.

MUSEU MALHOA TEM RELEVÂNCIA NACIONAL

Para Paulo Henriques, ex-diretor do Museu de José Malhoa, a passagem de museus do Estado para a tutela autárquica **"deve ser ponderada tendo em conta o significado das respectivas coleções e história da instituição, num contexto da cultura nacional"**. Há vários anos que **"se vem apagando a estrutura científica e técnica que ligava e criava nexos entre os diferentes museus sob a tutela do Estado"**, disse.

Este investigador considera que a responsabilidade de primeira dos museus, que é **"a de preservar e divulgar patrimónios e, assim, propiciar aos cidadãos conhecimento e educação, foi preterida por acções de consumo rápido, exigindo eficiência imediata, reflectida nas estatísticas de visitantes, receitas, número de acontecimentos efémeros e referências na comunicação social"**.

Paulo Henriques considera que o Museu Malhoa tem, na estrutura dos museus do Estado, **"importância da maior relevância"**.

As suas coleções **"documentam a radicação de um gosto português conservador, arreigado às estéticas dos sucessivos naturalismos"**, disse acrescentando que, além de se centrar em Malhoa, ainda documenta **"muito do que se produziu como Arte Oficial**



"Há vantagens na constituição de uma Rede Local de Museus efectiva"

do Estado Novo, com um fundamental núcleo de Escultura e Estatuária, único no país". Estas, articulam-se directamente com as do Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado. A passagem deste espaço museológico para a DRCC **"ignorou"** a importância das suas coleções e ligação aos restantes museus nacionais e como tal **"isolou-o da estrutura dos Museus do Estado, os que tutelam os patrimónios referenciais da nação"**. Por tudo isto a passagem do Museu Malhoa para a autarquia é, por estas razões, **"absolutamente desadequado"**. Paulo Henriques considera que o Museu Malhoa deve voltar a responder à Direcção Geral do Património Cultural, sob tutela do Secretário de Estado da Cultura.

Já quanto ao Museu da Cerâmica, **"nunca foi ou teve o projecto de ser um museu da Cerâmica nacional"**. Considera, pois, que este se tem centrado nas produções das Caldas, restringindo o seu peso num quadro geral dos museus do Estado. **"Logo é quase natural e desejável a sua passagem para a tutela autárquica"**, disse.

A fusão dos museus e posterior passagem para a tutela da DRCC **"foi uma decisão política de gabinete, ditada por razões de poupança financeira imediata, sem o suporte de qualquer parecer técnico e científico de profissionais dos museus"**.

Em relação ao Museu do Hospital e das Caldas, Paulo Henriques considera que qualquer modelo de tutela e gestão **"deva ser partilhado entre o proprietário das coleções e dos patrimónios (cuja vocação prioritária não é a gestão museológica) e a autarquia"** dado que aquele **"é um espaço de memória e apresentação da cidade"**.

Uma cidade como as Caldas da Rainha, onde se concentram oito museus (nove com o do Ciclismo), precisa de pensar uma rede de museus, independentemente das tutelas de modo a poder **"harmonizar-se programações e acções de comunicação conjunta e optimizar esforços de trabalho técnico e científico e também de meios humanos e financeiros"**, rematou.■



"Deve-se criar uma entidade gestora dos Museus e do Parque"



"O Museu de Cerâmica poderá ser um pólo de um grande Centro Museológico Nacional"



"Deve-se criar um grande Museu Nacional da Cerâmica"

Equipas dos museus reduzidas a metade

Actualmente o Museu de Cerâmica possui oito funcionários e o Malhoa sete. Estes números são quase metade do número de pessoas que já chegaram a trabalhar em ambos os museus. Alguns dos funcionários reformaram-se e outros optaram por trabalhar noutros serviços do Estado ao abrigo da lei da mobilidade. Em relação ao Centro de Artes, este possui sete

funcionários.

Já o Museu do Hospital e das Caldas conta com cinco pessoas. Estes funcionários trabalham diariamente no museu, no apoio e vigilância da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e Capela de S. Sebastião, bem como no acompanhamento das visitas ao Hospital Termal Rainha D. Leonor. ■ N.N.

2012	VISITANTES	RECEITAS (EM EUROS)	DESPESAS (EM EUROS)
Museu de José Malhoa	20.783	-	-
Museu de Cerâmica	11.399	-	-
Museu do Hospital e das Caldas	8.779	2.834	113.964
Centro de Artes	4.083	0	236.423

2013	VISITANTES	RECEITAS (EM EUROS)	DESPESAS (EM EUROS)
Museu de José Malhoa	20.690	-	-
Museu de Cerâmica	19.295	-	-
Museu do Hospital e das Caldas	7.478	9.230	101.474
Centro de Artes	5.962	0	225.464

2014	VISITANTES	RECEITAS (EM EUROS)	DESPESAS (EM EUROS)
Museu de José Malhoa	25.052	-	-
Museu de Cerâmica	16.689	-	-
Museu do Hospital e das Caldas	8.544	5.582	122.535
Centro de Artes	6.039	0	226.321

Fontes: CHO, Câmara das Caldas e DRCC.

Notas: O Centro de Artes não cobra entradas, pelo que não tem receitas próprias.

A Direcção Regional de Cultura do Centro, numa atitude de falta de transparência, não quis fornecer os dados relativos às despesas e receitas dos Museus de José Malhoa e da Cerâmica.